

212

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO – PROESP
LETRAS VERNÁCULAS

ANGELA MARIA DE ALMEIDA SILVA
IARA DE OLIVEIRA PIAUHY
MAGNÓLIA RIBEIRO DO OURO REIS
MARIA DO SOCORRO BARBOSA RODRIGUES

A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS – EJA
NO CEDBC

JACOBINA-BA

2007

ANGELA MARIA DE ALMEIDA SILVA
IARA DE OLIVEIRA PIAUHY
MAGNÓLIA RIBEIRO DO OURO REIS
MARIA DO SOCORRO BARBOSA RODRIGUES

A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS – EJA
NO C.E.D.B.C.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO APRESENTADO COMO
REQUISITO PARCIAL À
OBTENÇÃO DO NÍVEL SUPERIOR,
CURSO LETRAS, PELA UNEB-
PROESP

ORIENTADOR(A): PROF^a MESTRA
ISAURA FONTES
CO-ORIENTADORA: PROF^a THAÍS
SANTANA



JACOBINA-BA
2007

ÂNGELA MARIA DE ALMEIDA SILVA
IARA DE OLIVEIRA PIAUHY
MAGNÓLIA RIBEIRO DO OURO REIS
MARIA DO SOCORRO BARBOSA RODRIGUES

**A EVASÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS – EJA
NO C.E.D.B.C.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Orientador (a): Isaura Santana Fontes
Prof.

José Alfredo de Araújo
Prof.

José Manoel de Jesus
Prof.

Jacobina, 11 de maio de 2007.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma abordagem sobre o tema Evasão Escolar, analisando-a no Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, no Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, localizado em Jacobina-Ba. As maiores causas da evasão escolar apontadas pelos alunos, nesta instituição, são a necessidade de trabalhar para a sobrevivência, cansaço, baixos salários, desemprego, distância da escola, já que muitos residem na zona rural, gravidez precoce, desmotivação e baixa auto-estima dos alunos que acham que a escola resolve o problema do emprego, o que constatam que nem sempre é suficiente. Para chegar a esses dados, a metodologia aplicada foi a de pesquisas, através das quais foi possível identificar a realidade de um contexto mais amplo. Além disso, foram aplicadas entrevistas a alunos e professores da referida escola, de modo a identificar, neste contexto, as questões referentes à evasão dos indivíduos do processo de educação formal.

Palavras-chave – Evasão escolar, Educação de Jovens e Adultos – EJA, Causas da evasão.

ABSTRACT

The present work has for goal introduce an approach on the School evasion theme, analyzing her in the Fundamental Teaching of the Young people Education and Adult, at the centre Educational Deocleciano de Castro, located in Jacobina-Ba. The biggest causes of the school evasion pointed by the students, in this institution, are the need to work for the survival, weariness, low salaries, unemployment, distance from school, since many reside in the rural zone, precocious pregnancy, no motivation, and students' low self-esteem who think school solves the problem of the job, what they verify just like always is enough. To arrive to these data, the applied methodology was the one of bibliographical researches, through which ones was possible to identify the reality of a wider context. Moreover, they were applied interviews for students and teachers of the referred school, so as to identify, in this context, the referring matters to the individuals' evasion of the process of formal education.

Words-key - school evasion, Young people and Adults Education – EJA, Causes of the evasion.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Por que os alunos evadem	28
Tabela 02 – O que acontece com os alunos que evadem	30
Tabela 03 – Como evitar que os alunos abandonem	32
Tabela 04 – Preocupações da escola quanto à evasão escolar	33
Tabela 05 – Causas do abandono escolar no CEDBC	35
Tabela 06 – Diminuição da evasão escolar	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Por que os alunos evadem	28
Gráfico 02 – O que acontece com os alunos que evadem	30
Gráfico 03 – Como evitar que os alunos abandonem	32
Gráfico 04 – Preocupações da escola quanto à evasão escolar	34
Gráfico 05 – Causas do abandono escolar no CEDBC	35
Gráfico 06 – Diminuição da evasão escolar	37

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	
2. INTRODUÇÃO	09
3. CAPÍTULO 1 – Caracterização da Educação de Jovens e Adultos	11
4. CAPÍTULO 2 – História da EJA no Brasil	15
5. CAPÍTULO 3 - Educação e Evasão Escolar	18
3.1 – Política Educacional e Exclusão	19
3.2 – O crescimento da matrícula X Evasão escolar	20
6. CAPÍTULO 4 – Metodologia	23
7. CAPÍTULO 5 – Análise e discussão dos resultados	26
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
9. REFERÊNCIAS	40
10. ANEXOS	42

APRESENTAÇÃO

O curso de Aceleração – Ensino Fundamental é um dos mais requisitados no turno noturno, em todo o Brasil. Isso se deve ao fato de esse curso trazer a possibilidade de conclusão de Ensino Fundamental (5ª a 8ª) em dois anos e não em quatro, como ocorre no Ensino Regular.

Por essa razão, a maioria da “clientela” é de pessoas que estão em idade avançada e trabalham no turno diurno. São mães e pais de família, enfim, quem não teve a oportunidade de estudar.

No entanto, mesmo havendo essa redução de tempo para a conclusão do curso, há ainda um enorme índice de evasão e repetência nele, e na Bahia não é diferente; em média, são quase 20% dos que se matriculam na aceleração que abandonam as salas de aula.

No Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, por exemplo, no segundo semestre de 2005 houve uma desistência de 65%, o que não difere da realidade do restante do Estado. O que se tem conhecimento é de um alto número de alunos matriculados no início do ano, mas, ao final, o pequeno número dos que permanecem preocupa os profissionais de educação com ela comprometidos, além de afetar sensivelmente a sociedade.

Apesar de termos consciência dessa realidade – que se vem repetindo ao longo do tempo em que o curso vigora – nada se fez até então para buscar resolver esse que é um tão grave problema. Não é mais admissível a nossa omissão diante desse quadro, pois sabemos ser de nossa responsabilidade social com esses alunos que nos são “entregues”, para instruímos e possibilitarmos o acesso a um mundo de conhecimentos.

Faz-se, portanto, mister que nos disponibilizemos para a efetivação dessa tarefa de buscar reverter esse quadro de evasão que preocupa nosso Estado, e, especialmente, os alunos da Aceleração do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro.

O resultado desse trabalho pretende subsidiar-nos para que tenhamos uma maior compreensão de fatores como os motivos que levam os alunos do curso de Aceleração de 5ª a 8ª do turno noturno, no Colégio Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro a evadirem São de ordem pedagógica, social, financeira, enfim, de que natureza são os problemas enfrentados pelos alunos que evadem? E mais: que caminhos podem ser trilhados para que não só não haja evasão, mas que também haja um retorno dos alunos já evadidos à escola? Que mecanismos são importantes para que a evasão, que, sabe-se bem, não ocorre por iniciativa própria do aluno, mas por toda uma imposição do contexto em que está inserido, diminua?

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo a compreensão, de forma mais precisa, do fenômeno dos altos índices de evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos – EJA, do 2º segmento – que equivale ao ensino da 5ª à 8ª série, no turno noturno, do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro (C.E.D.B.C.), em Jacobina-Ba. Tal estudo apóia-se principalmente nas bases de dados de entrevistas com alunos, professores, vice-diretor e demais envolvidos na comunidade escolar, como também na análise em documentação disponível no âmbito da unidade escolar, como por exemplo os mapas de resultados finais de 2006 e os diários de classe do mesmo ano letivo.

No primeiro momento, foi realizado um recorte histórico. Para tanto, estudamos a história de como se configura essa modalidade de ensino, a partir da década de 1940, quando passa a ser elaborada uma política educacional dirigida a este segmento.

O tema Educação e Evasão Escolar também está presente neste estudo. A educação, no atual contexto, é vista como uma saída para superar a desigualdade social e, segundo a própria constituição de 1988, é um “direito de todos”. Contudo, são muitos os que não conseguem se manter na escola. Por conta disso, nesse estudo são discutidas as várias formas, causas e conseqüências da evasão escolar. Com o objetivo de poder contribuir para a redução da mesma, esta pesquisa propõe-se, também, a investigar as causas e identificar os principais fatores que contribuem para a ocorrência da evasão.

O contraste entre o crescente número de matrícula e o grande número de evasão é uma preocupação que está também presente no trabalho. Esta discussão parte da pesquisa feita no colégio Deocleciano Barbosa de Castro, cujos resultados são demonstrados através de tabelas.

No decorrer do trabalho, surgem indagações sobre as causas do abandono da escola por parte dos jovens e dos adultos, e a pesquisa sobre o tema leva a pensar em causas diversas das usualmente tidas como responsáveis pela saída desses indivíduos da escola, relacionadas às dificuldades econômicas enfrentadas pelas famílias. Discutimos também se a saída dos jovens da escola, em sua maioria pobres, não se

deve às concepções ideológicas que minimizam a importância da necessidade de escola para quem possui diferenças em relação à normalidade e à expectativa vigentes.

Para obter os resultados precisos da nossa realidade, lançamos mão de entrevistas realizadas com professores e alunos, além de questionamentos feitos ao vice-diretor, bem como pesquisa nos mapas de resultados finais e diários de classe, consulta a livros, textos e à Internet. Reunimos o material pesquisado e construímos tabelas e gráficos. A metodologia utilizada, então, foi de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, envolvendo trabalho de campo além da pesquisa bibliográfica. Enquanto esta subsidia a teoria acerca da evasão escolar na EJA, aquela nos permite perceber, na prática, a realidade que nos circunda.

Esperamos que este documento venha a constituir-se em subsídio à elaboração de planos de ação no combate à evasão escolar na educação de jovens e adultos e espera-se que ela contribua para compreensão e análise do funcionamento e estado atual do sistema de educação no seu ponto principal que é o processo ensino-aprendizagem, alertando os responsáveis quanto ao que deve ser feito para minimizar o citado problema.

CAPÍTULO 1

Caracterização da Educação de Jovens e Adultos

A EJA - Educação de Jovens e Adultos, constitui-se numa modalidade específica da Educação Básica. A proposta dessa modalidade de ensino é atender a uma clientela que, embora tenha direito à educação, como todos os outros, não conseguiu adentrar a escola ou, mesmo fazendo-o, não conseguiu dar continuidade aos estudos durante a infância e/ou adolescência. Tal impossibilidade pode ter acontecido desde a oferta irregular de vagas, até por questões de inadequações do sistema de ensino, ou ainda pelas condições socioeconômicas desfavoráveis.

A confusão que existe entre EJA e Supletivo não tem fundamento, já que a EJA não se define pelo turno em que é oferecida, mas pelas características e especificidades da clientela para a qual a EJA se destina.

Em texto intitulado Refletindo sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, encontramos a seguinte informação:

Para que se considere a EJA enquanto uma modalidade educativa inscrita no campo do direito, faz-se necessário superar uma concepção dita compensatória cujos principais fundamentos são a de recuperação de um tempo de escolaridade perdido no passado e a idéia de que o tempo apropriado para o aprendizado é a infância e a adolescência. (LARA, 2007)

Partindo dessa premissa, faz-se imperioso que busquemos refletir acerca das nuances que permeiam a educação de jovens e adultos. Inicialmente, vale uma análise acurada sobre a citação acima. A EJA, por ser vista como uma modalidade educativa dispensada em tempo considerado inoportuno pela própria LDB (uma vez que este tempo compreenderia a infância e a adolescência), tende a ser vítima de uma série de conceitos bastante deturpados por uma sociedade que considera que as fases em que o indivíduo aprende não são a adulta nem a juventude.

Diante dessa perspectiva, evidencia-se a necessidade de se criar uma visão mais ampla do tempo e do lugar da aprendizagem. Isso, sem dúvida, permitiria que educadores e educandos estabelecessem uma relação mais dinâmica com o seu

entorno social e com as suas questões, a fim de considerarem que a juventude e a vida adulta são também tempos de aprendizagens.

Na formulação dos princípios pedagógicos que norteiam o trabalho do professor de EJA, é necessário que seja levada em conta essa realidade. Outro elemento norteador desse trabalho é a compreensão das características e especificidades do aluno da EJA, pois, sem refletir sobre ele, não será possível desenvolver uma ação educativa significativa. Como preconiza a Constituição Federal do Brasil, a educação é direito de todos, indistintamente, sem discriminação de idade.

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996)

Embora previstos em lei, esses princípios não são assumidos efetivamente. Quando se trata do aluno da modalidade EJA, o que o Estado faz é disponibilizar as salas de aula para que essas aulas aconteçam, contudo não é dada uma estrutura adequada para que o ensino seja de qualidade. Outro item discutível nessa lei é que a educação é dever da família. Em seu texto, a LDB acaba por contemplar de fato crianças e adolescentes, portanto ainda sob tutela familiar, e que não se encontram em situação de risco, pois de quem é a obrigação de educá-los? Se há quem tenha tal função, ela ocorre em nosso país?

E mais: a LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996, no capítulo 2, seção 5, da Educação de Jovens e Adultos, estabelece que:

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º. Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996)

Com base nesse pressuposto da LDB 9394/96, fica claro que tanto o jovem quanto o adulto não só tem direito à educação no tempo que lhes for possível, levando em conta suas possibilidades, suas condições, como aos poderes públicos – e à sociedade, em geral – cabe estimular esses indivíduos a realizarem seus estudos. Conforme nos diz o parágrafo segundo desse artigo, a EJA, na tentativa de proporcionar a permanência dos educandos em sala de aula, deve ser pautada em “ações integradas e complementares entre si”. Isso evidencia que a forma de ensinar dessa modalidade precisa atender a necessidades bem peculiares do público a que se destina, ou seja, jovens e adultos, homens e mulheres, trabalhadores, empregados, desempregados em busca de trabalho, moradores de favelas, guetos, vilas, periferias, sujeitos sociais e culturais, com uma história de vida marcada geralmente pela exclusão sócio-econômico-educativa, privados do acesso a um mundo letrado, que buscam resgatar, através do retorno à escola, sua auto-estima, sua cidadania e conseguir um lugar ao sol no mercado de trabalho.

Outro ponto relevante desse trecho da Lei que deve dizer quais as diretrizes e bases que a educação, no Brasil, deve seguir, é quando diz que existe uma “idade própria” para se receber a educação formal – artigo 37. Tal afirmação tem uma conotação preconceituosa e excludente, pois estabelece que existe uma “idade própria” para estudar. Esse fato revela aspectos contraditórios das leis que regem o nosso país, em particular a educação brasileira.

O adulto, para a EJA, não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo... E o jovem, relativamente recentemente incorporado ao território da antiga educação de adultos, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa biopsicológica da vida (OLIVEIRA, 1999, p.1.)

Observar essa realidade, a condição heterogênea dessa “clientela”, buscando identificar quais são os interesses, preocupações, necessidades e expectativas em relação à escola, trabalhando suas individualidades, habilidades e vivências,

considerando sua subjetividade, é um passo fundamental para que o ensino na EJA seja efetivamente capaz de atender aos princípios a que se propõe.

Em sendo possível realizar tal feito, indubitavelmente os conteúdos a serem trabalhados constituir-se-ão em algo que faça sentido para o sujeito, o que, por conseguinte, servirão de base concreta para sua formação, instrumentalizando-o para que possa fazer uma intervenção realmente significativa na sua realidade.

CAPÍTULO 2

História da EJA no Brasil

O Sistema Educacional Brasileiro configura-se hoje em dois grandes níveis: a Educação Básica – compreende desde a Educação Infantil, por meio de creches para as crianças de até 3 anos e pré-escolas para crianças de 4 a 5 anos, o Ensino Fundamental, que tem nove anos de duração, além do Ensino Médio – e o Ensino Superior. A educação básica organiza-se de modo a atender também aos jovens e adultos e aos portadores de necessidades educativas especiais.

Nem sempre, porém, a atenção aos indivíduos em condições especiais de aprendizagem, como os jovens e adultos que se encontram fora da idade escolar regular, foi uma realidade no nosso país.

A história da educação prestada a esses sujeitos sempre esteve vinculada a uma série de condições sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diversos momentos de nossa história.

Inicialmente, quando da época do Brasil-colônia, a escolarização dispensada aos colonos e a alguns índios limitava-se a aprendizagem da leitura e da escrita com a finalidade de catequização e, posteriormente, para que se fizessem cumprir as determinações do Estado. Contudo, a expulsão dos padres jesuítas, responsáveis pela escolarização na colônia, faz com que essa questão deixe de ser cogitada e novos investimentos, mesmo que sem relevância, só voltam a acontecer no Império.

Em 1930, inicia-se um período de consolidação do sistema público de educação brasileira.

A Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, que indicava pela primeira vez a educação de adultos como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. (LOPES, 2007, p. 03)

Na década de 40, iniciativas de caráter político e pedagógico, tais como a criação do INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, ampliam essa educação.

Em 46, a mudança do paradigma educacional agrícola/rural para industrial/urbano faz surgir a necessidade de se criar uma mão-de-obra especializada para atender as necessidades do mercado. Mas é em 1947 que um grande passo é dado: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, que visava a alfabetização de grande contingente de pessoas, com o objetivo, implícito, evidentemente, de formar eleitores, uma vez que, à época, analfabetos ainda não votavam.

Nessa mesma década, e na década seguinte, ocorrem ações voltadas à reflexão sobre os rumos da educação de jovens e de adultos no Brasil.

Na década de 60, com o Estado associado à Igreja Católica, novo impulso foi dado às campanhas de alfabetização de adultos. No entanto, em 1964, com o golpe militar, todos os movimentos de alfabetização que se vinculavam à idéia de fortalecimento de uma cultura popular foram reprimidos. O Movimento de Educação de Bases (MEB) sobreviveu por estar ligado ao MEC e à igreja Católica. Todavia, devido às pressões e à escassez de recursos financeiros, grande parte do sistema encerrou suas atividades em 1966. (LOPES, 2007, p. 06)

O marco dessa discussão na década seguinte – em 1970 – é a criação do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), projeto que pretendia erradicar o analfabetismo no Brasil em 10 anos, o que não foi possível, segundo dados do IBGE, que registrou um índice superior a 25% de analfabetos no Brasil após decorrida a década de implantação do MOBREAL. Outro elemento de suma importância nesse processo foi a criação do ensino supletivo, em 1971. É nesse ano, através da LDB 5692/71, que a educação de jovens e adultos adquire um estatuto legal, que passa a ser considerada como elemento de discussão, agora de caráter legislativo.

Na década de 80, com a extinção dos governos militares e a retomada da democracia, a educação brasileira passa a sofrer diversas mudanças. Extingue-se o MOBREAL e a constituição de 1988 determinou que a educação fundamental obrigatória e gratuita também devia atender àqueles que a ela não tiveram acesso em idade regular, ou seja, os jovens e adultos.

Contudo, a partir dos anos 90, a EJA começou a perder espaço nas ações governamentais. Em março de 1990, com o início do governo Collor, a Fundação EDUCAR [substituta do MOBREAL] foi extinta e todos os seus funcionários colocados em disponibilidade. Em nome do

enxugamento da máquina administrativa, a União foi se afastando das atividades da EJA e transferindo a responsabilidade para os Estados e Municípios. (LOPES, 2007, p. 06)

Somente em janeiro de 2003, a EJA volta a ser uma preocupação do governo, que cria, nesse mês, a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, com base no pressuposto do MEC de atenção especial à alfabetização no Brasil.

Apesar de não estar havendo continuidade dos programas ao longo dos tempos, a Educação de Jovens e Adultos está sempre sendo buscada, com o objetivo de realmente permitir o acesso de todos à educação, independentemente da idade. Desta forma, fica claro o caminho que a EJA percorreu em nosso país até chegar aos dias de hoje. Muito já foi feito, mas ainda há o que se fazer. Não se pode acomodar com os avanços já conseguidos, é necessário vislumbrar novos horizontes na busca da total erradicação do analfabetismo em nosso país, pois a educação é direito de todos. (LOPES, 2007, p. 10-11)

É fato que, apesar de ter havido uma busca, em muitos momentos da nossa história, pela escolarização de jovens e adultos, tal busca, muitas vezes, trazia uma conotação política. Ora sendo com o intuito de formar eleitores, ora com o objetivo de promoção, o que se evidencia, ao longo dessa história, é a pouca valorização que se dispensa ao curso que forma os jovens e adultos, considerados fora de uma faixa etária propícia ao recebimento da educação.

CAPÍTULO 3

Educação e Evasão Escolar

A educação, segundo estabelece a Constituição Federal de 1988, nos artigos 205 e 277, é um direito público subjetivo que deve ser assegurado a todos, através de ações desenvolvidas pelo Estado e pela família, com a colaboração da sociedade. Essa educação que deve ser disponibilizada a todos preconiza que as características pessoais de cada indivíduo, tais como gênero, raça, religião, condição econômica e/ou quaisquer tipos de deficiências, não sejam impedimento para que este direito venha a ser desfrutado. Destas normas, constata-se que a educação não é um direito cuja responsabilidade é imposta exclusivamente a um determinado órgão ou instituição, mas sim um direito que tem seu fundamento na ação do Estado, e que é compartilhado por todos, ou seja, pela família, comunidade e sociedade em geral. Em outras palavras: a educação deixou de ser um tema exclusivo dos trabalhadores dessa área e passou a ser uma questão discutida também em vários outros grupos sociais.

Atualmente, devido às transformações estruturais sofridas por toda sociedade brasileira, a educação ganha destaque nos mais variados setores.

Em 1999, o então coordenador-geral da EJA do Ministério da Educação, Cláudio Veloso, afirmou que "Se a educação é um direito de todos, independentemente da idade, como diz a nossa Constituição, temos que dar à EJA a mesma atenção oferecida a todos os seguimentos do ensino básico". (VELOSO, 1999 - In *Cresce a procura por EJA*, 2006)

Ao atrair o adulto à escola, é preciso garantir que ele não a abandone, através das imposições que sofre para fazê-lo. As altas taxas de evasão (menos de 30% dos alunos que se matriculam concluem os cursos) têm origem em diversos fatores: no uso de material didático inadequado para a faixa etária, nos conteúdos sem significado, nas metodologias infantilizadas aplicadas por professores, na relação professor/aluno, enfim, são muitas as causas que promovem a saída do aluno da escola.

Contudo, problemas como esses podem ser resolvidos quando o professor conhece as especificidades desse público e usa a realidade do aluno como eixo

condutor das aprendizagens. Em vários momentos de nossas vidas temos feito questionamentos sobre os conteúdos que utilizaremos em sala de aula, pois sabemos que a prática educativa é socialmente determinada, atendendo às exigências e expectativas dos grupos e classes sociais dominantes na sociedade, e poucas vezes aos interesses do educando.

Para o educando adulto, por exemplo, é de fundamental importância que os conteúdos que serão abordados na escola tenham um objetivo na sua vida real, no seu mundo. José Carlos Libâneo afirma que:

Ao selecionar os conteúdos da série em que irá trabalhar, o professor precisa analisar os textos, verificar como são enfocados os assuntos para enriquecê-los com sua própria contribuição e a dos alunos, comparando o que se afirma com fatos problemas, realidade de vivências real dos alunos. (LIBÂNEO, 1994, p 140)

Um bom trabalho por parte do professor também é imprescindível. É necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre aluno e professor. Para tanto, o professor deve conviver com os alunos observando seus comportamentos, mostrar-se disponível para conversar a respeito das questões que possam vir a ser apresentadas, realizar experiências e responder as perguntas de forma direta e esclarecedora.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – os PCN, “É fundamental que exista uma relação de confiança e respeito mútuo entre professor e aluno, de maneira que a situação escolar possa dar certo de todas as questões de ordem afetiva”. (PCN, 1997, p. 101).

3.1 - Política Educacional e Exclusão

A evasão escolar é um termo utilizado para designar a condição e a quantidade de alunos que abandonam a escola num determinado período de tempo. Dentro deste contexto, verifica-se que os vários problemas que determinam a evasão escolar apresentam-se como um grande desafio àqueles que estão envolvidos nesse processo.

Segundo o IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – a EJA tem como objetivo atender a uma clientela que, por diferentes razões, foi excluída do processo educacional quando em tempo regular, e que busca um retorno à escola. A idéia de se criar condições favoráveis para esse reingresso no sistema de educação diz respeito às possíveis políticas comprometidas com o resgate dessa dívida social. Desde seu início, a política de escolarização de jovens e adultos sempre esteve direcionada para resolver o problema do analfabetismo na faixa de 15 anos ou mais. Segundo Haddad (2000), o Estado brasileiro, a partir de 1940, aumenta as suas responsabilidades em relação a essa modalidade de educação, vinculando verbas e propondo uma atuação estratégica para o país, decorrente principalmente no processo de industrialização e urbanização pelo qual vinha passando a sociedade brasileira.

3.2 - O crescimento das Matrículas X Evasão Escolar

A pesquisa que ora passamos a apresentar mostra que a realidade do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro não difere da realidade do país de um modo geral. Há um número cada vez maior de alunos matriculados no início do ano letivo e uma grande evasão no final deste mesmo ano. Como exemplo, temos a matrícula e a evasão do ano de 2006:

- Matriculados na 5^a / 6^a séries em 2006: 88 alunos
- Evadidos na 5^a / 6^a séries em 2006: 57 alunos
- Matriculados na 7^a / 8^a séries em 2006: 179 alunos
- Evadidos na 7^a / 8^a séries em 2006: 113 alunos

Esses números são indicadores preocupantes. A situação exige uma real reflexão por parte da escola, indubitavelmente, contudo há que se considerar a relevância de uma atuação mais ampla, envolvendo mais camadas da sociedade, uma vez que um índice equivalente a dois terços dos alunos deixam a escola à qual fazem tanta questão de acorrer no início do período letivo. É como afirma a revista Nova Escola, na edição de nº 167, de novembro de 2003;

Há um intenso movimento de jovens e adultos voltando à sala de aula. Quem não teve oportunidade de estudar na idade apropriada, ou por algum motivo abandonou a escola antes de terminar a Educação Básica, está procurando as instituições de ensino para completar seus estudos. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2003)

A característica principal do alunado do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro é a semelhança com os anseios comuns aos que se encontram na mesma condição: os alunos que não sabem ler e escrever pretendem ser alfabetizados, ao passo que os que já têm essas habilidades desejam adquirir outros saberes – e diploma, naturalmente – para que possam ter chances no concorrido mercado de trabalho, além de desejarem sentirem-se cidadãos responsáveis pelos destinos do país.

Segundo dados do Jornal A Tarde, de 14 de março de 2007, há, na Bahia, um índice de analfabetismo que excede ao do Brasil. São 21,3% de jovens com mais de 10 anos analfabetos no Estado, ao passo que, no país, são 23,6%. Quando o número é de analfabetos funcionais, a diferença é menor: são 17,9% na Bahia e 12,2% no Brasil.

Em se tratando da educação de jovens e adultos, já são mais de cinco milhões de matriculados em todo o país, e esse número tende a crescer com os projetos de combate ao analfabetismo. (NE, 2003).

Ao analisar esses dados, fica claro que acabar com o analfabetismo e melhorar a taxa de escolaridade dos brasileiros deveriam ser prioridades no cenário da educação nacional. A situação vem melhorando, sem dúvida. O Censo Escolar de 2003 aponta o crescimento de 12,2% nas matrículas de jovens e adultos na rede oficial. São mais de 4,2 milhões de pessoas que voltaram a estudar, sem contar outros 730 mil atendidos por movimentos populares, empresas, sindicatos ou organizações não governamentais.

Não há mais lugar para o conformismo, para a passividade, em um país onde a miséria é tão grande e nossas escolas aderem a métodos que contribuem para que nossos alunos deixem a escola, preocupando-se com a conservação de um sistema que prima pela transmissão de conteúdos repetitivos e distantes da realidade de nossos alunos.

O Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, como tanto outros, enfrenta este problema.

No ano de 2006 foram matriculados, na EJA, 267 alunos, dos quais 161 evadiram, portanto houve um índice de 60,29% de evasão.

O que se percebe é que, ao iniciar o ano letivo há sempre uma matrícula significativa, porém, no decorrer do período letivo, nota-se que parte desses discentes perdem o interesse em permanecer na escola.

A nossa pesquisa pretende, pois, a partir da realidade do colégio Deocleciano Barbosa de Castro, com apoio no contexto em que se dá a evasão, discutir algumas possíveis causas desse fracasso no processo pedagógico da escola.

Esse trabalho ajuda a compreender e fazer uma análise dos aspectos do processo ensino-aprendizagem, os quais, direta ou indiretamente contribuem pela exclusão dos indivíduos do processo educativo.

O resultado dessa investigação poderá subsidiar os envolvidos no processo de ensino para que repensem quais mudanças pedagógicas, pautadas nos princípios da função verdadeira da escola, que é a promoção da cidadania plena, a preparação para o trabalho, entre outras, serão necessárias para diminuir os índices elevados de evasão escolar,

CAPÍTULO 4

Metodologia

Promover uma reflexão e uma auto-reflexão sobre questões referentes à exclusão escolar focalizando a Educação de Jovens e Adultos – EJA foi o objetivo maior dos envolvidos nesse trabalho ao investigar o nosso próprio campo de atuação.

Tendo como referência as implicações da Etnopesquisa e suas abordagens qualitativas como postura epistemológica de coleta de dados e produção do conhecimento, procuramos envolver no problema colocado, através de entrevistas, os diversos sujeitos que fazem parte dessa situação, ou seja, direção, professores e alunos.

A técnica fundamental da pesquisa é embasada na proposta de Lüdke & André quando afirmam que:

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p 34).

Fundamentamo-nos, ainda, na análise documental dos dados da escola escolhida como ambiente de pesquisa. A análise documental, também com base no que defendem esses autores,

[...] busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse.

Os documentos constituem uma fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos. (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p 38-39).

Foi dada ênfase às implicações sócio-culturais da evasão, uma vez que o estudo desta, que é o objeto das análises em questão, pertence às Ciências Sociais e

seu estudo é essencialmente qualitativo por ser complexo, inacabado e estar em permanente transformação.

A pesquisa qualitativa, ou naturalística, envolve a obtenção de dados descritos, obtidos através do contato direto do pesquisador com a situação estudada. Enfatiza mais o processo que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.
(LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p 11).

O campo de pesquisa de que nos servimos foi onde atuamos como professores e, portanto, estivemos em contato. Através da constatação de que o índice de evasão é significativo nesse espaço a que nos propusemos analisar, consideramos relevante uma apresentação sistemática dessa realidade, a fim de, a partir disso, buscarmos os mecanismos de reversão do quadro. Outro ponto importante é a escuta dos alunos: professores costumam discutir as causas de os alunos serem excluídos do processo escolar, mas, no colégio em que esta pesquisa foi realizada, jamais se havia buscado escutar os alunos, para que eles dissessem os motivos que lhes eram impostos para que evadissem.

É fundamental a disponibilidade das pessoas para informar, deixar-se observar, participar ativamente da pesquisa, e até mesmo para co-construir o estudo como um todo. E assim aconteceu no trabalho de pesquisa. Usamos estratégias de observação, entrevista e análise de documentos.

Pautados na base fundamental da etnopesquisa, fizemos valer a observação, mas através da participação, envolvendo-nos deliberadamente na situação de pesquisa e no cotidiano dos pesquisados.

No que se refere à própria noção de participação, três elementos constitutivos brotam como fundamentais: o processo de investigação, de educação. Permeia a idéia aí de que a separação entre sujeito da pesquisa, cultivado pelos paradigmas normativos, não é suscitada, uma

vez que a distância entre os dois é vista com prejudicial à própria geração de conhecimento. A intervenção do pesquisador no meio é condição também irremediável do conhecimento, assim como a visão da população sobre a própria pesquisa. (MACEDO, 2000, p. 155).

Com base na colocação de Macedo, o trabalho de pesquisa e as entrevistas não foram realizados por sujeitos alheios, distantes da realidade pesquisada. Houve um envolvimento de quem o conduziu na medida em que o olhar de pesquisou partiu não de um mero observador, mas de quem se preocupa, efetivamente, com tal realidade. A busca do conhecimento da realidade em questão pretende gerar, com efeito, discussões pelas quais se possam vislumbrar meios de reverter a situação caótica que se apresenta.

CAPÍTULO 5

Análise e discussão dos resultados

A evasão dos alunos na EJA do Colégio Deocleciano Barbosa de Castro, colégio público estadual da cidade de Jacobina é um problema que há muitos anos vem nos preocupando. Visando a uma maior compreensão das causas e conseqüências de tal exclusão, realizamos uma pesquisa em forma de questionários, por meio dos quais foram ouvidos oito professores e vinte alunos. Inicialmente serão analisadas as respostas dos questionários dos professores e depois dos alunos.

Quando questionados sobre as causas que consideravam determinantes da evasão escolar, dos dez professores entrevistados, quatro disseram que era o fato de eles necessitarem trabalhar que os impossibilitava de permanecerem na escola. Três professores responderam que consideravam como principal motivo do abandono à escola a falta de interesse do aluno, enquanto dois disseram que esses alunos não se sentiam devidamente estimulados para retomarem os estudos após tantos anos sem ir para a escola, e um considerou que a razão principal para o abandono era o envolvimento com drogas.

Esses professores, todos atuantes na EJA no ano de 2006, na referida escola, estiveram em contato direto com a realidade da evasão nesta modalidade, no referido ano. De um total de 268 alunos matriculados no Ensino Fundamental em 2006, 104 deixaram a escola sem concluir a série para a qual se matriculou, o dobro dos que conseguiram ser aprovados.

Número de alunos da EJA em 2006

Séries 5ª e 6ª

Turma A	44 Alunos	Turma B	44 Alunos	Total
Aprovados	13	Aprovados	13	26
Reprovados	01	Reprovados	02	03
Evadidos	29	Evadidos	28	57
Transferidos	01	Transferidos	01	02

Séries 7ª e 8ª

Turma A	46 Alunos	Turma B	44 Alunos
Aprovados	21	Aprovados	14
Reprovados	01	Reprovados	02
Evadidos	24	Evadidos	24
Transferidos	00	Transferidos	04

Turma C	46 Alunos	Turma D	44 Alunos
Aprovados	12	Aprovados	09
Reprovados	07	Reprovados	01
Evadidos	25	Evadidos	31
Transferidos	02	Transferidos	02

Total	
Aprovados	56
Reprovados	11
Evadidos	104
Transferidos	08

Questionário apresentado aos alunos

A fim de conhecer a realidade do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, foram entregues questionários a vinte alunos (vide anexos), cujas perguntas e respostas passam a embasar nossa discussão a partir de agora.

As perguntas feitas e respostas obtidas foram as seguintes:

1º - Por que os alunos evadem?

1. Para trabalhar – 70%
2. Inadequação aos conteúdos – 20%
3. Falta de estímulo – 10%

Tabela 01
Por que os alunos evadem

Para Trabalhar	Inadequação dos Conteúdos	Falta de Estímulo
70,0%	20,0%	10,0%

Fonte: Questionário aplicado ao aluno

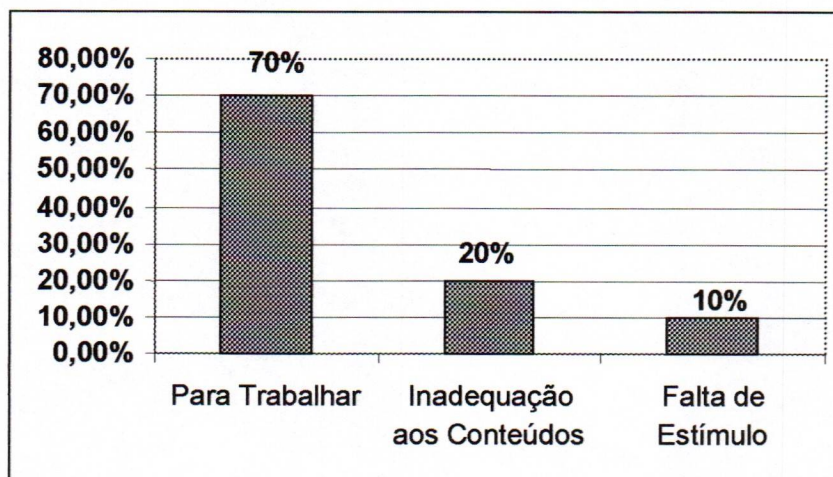


GRÁFICO 01 – POR QUE OS ALUNOS EVADEM

Perguntados sobre as causas da evasão escolar, 10,% dos alunos responderam que desistem por falta de estímulo, sendo que 20,% desistiram por considerarem-se sem condições de acompanhar os conteúdos ministrados na escola, devido ao longo tempo que deixaram de estudar, enquanto 70,% fazem-no para ingressar no mercado de trabalho.

Diante de tal constatação, percebe-se que as causas da evasão encontram-se em problemas que estão, muitas vezes, além dos muros da escola, como por exemplo, a necessidade de trabalhar e a inadequação aos conteúdos, que é resultado de uma ausência de conhecimento prévio efetivo do aluno. Em outras palavras: a realidade da escola não alcança os indivíduos que estão fora dela, sem acompanhar a forma de trabalho com a qual ela opera.

A maior causa da evasão, que é a saída para trabalhar, é, contudo, reflexo da condição sócio-econômica em que os alunos estão inseridos. Quando se vê um índice tão alto – setenta por cento – percebe-se que a prioridade dos alunos está no trabalho, o que, por sua vez, eles não conseguem conciliar com os estudos.

O último elemento, mas não por isso irrelevante, é a falta de estímulo. Na verdade, esse fator está associado a uma política educacional carregada de falhas, dentre as quais, por vezes, a ausência de formação continuada do docente. O professor, embora, muitas vezes, procure realizar uma ação significativa, encontra-se limitado por uma política de desvalorização do processo educacional, tanto no que diz respeito ao salário que recebe quanto à ausência de capacitação. Tais fatores ligam-se à evasão escolar do aluno: é o projeto de exclusão da escola. Assim, são necessárias melhores condições de recursos. No mundo de tecnologias em que estamos vivendo, a educação não pode ficar para trás.

2º O que acontece com os alunos que evadem?

1. Sentem dificuldade de ingressar no mercado de trabalho – 78%
2. Ingressam no mundo das drogas – 7%
3. Ficam desinformados – 15%

Tabela 02
O que acontece com os alunos que evadem

Sentem dificuldade de ingressar no mercado de trabalho	Ingressam no mundo das drogas	Ficam desinformados
78%	7%	15,%

Fonte: Questionário aplicado ao aluno

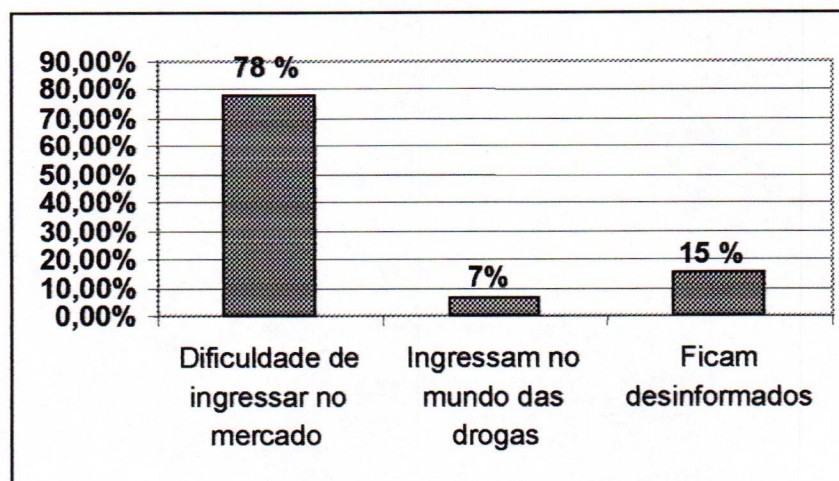


GRÁFICO 02 – O QUE ACONTECE COM OS ALUNOS QUE EVADEM

Um dado muito importante a ser ressaltado na pesquisa é o que acontece aos alunos que são excluídos da escola. Do total de alunos pesquisados, 78% afirmam que, ao desistirem de estudar, as dificuldades para ingressarem no mercado de trabalho são incontáveis.

Parece um dado paradoxal: se setenta por cento, conforme se verifica no quadro anterior a este último, saem da escola para ingressar no mercado, como pode ser exatamente essa a maior dificuldade do aluno que abandona? Isso talvez se explique pelo tipo de emprego em questão: os alunos que evadem para trabalhar, geralmente estão alocados em sub-empregos, ou no mercado informal, também com atividades de pouca rentabilidade financeira. A dificuldade em adentrar o mercado equivale à incapacidade de aquisição de emprego que proporcione uma renda maior, o

que promove uma vida de dificuldades das mais diversas e que, por sua vez, pode levar o indivíduo a um caminho de marginalização. E observemos que a escola que temos não está aparentemente valendo o preço dessa falta de inserção social..

Os 15% que afirmam que, quando pressionados pela necessidade familiar em conseguir meio de subsistência e confrontados diretamente com as exigências do mundo moderno, sentem-se ameaçados por não terem as informações adequadas para conseguir um bom emprego são os que alegaram que, ao sair da escola, ficam desinformados.

O terceiro e último dado é acerca dos 7% que ingressam no mundo das drogas. Não há dúvida de que a escola é um dos caminhos pelos quais o indivíduo, além de adquirir conhecimentos, consegue desviar-se, ou, quando muito, não ingressar no caminho das drogas. Contudo, é importante ressaltar que estar na escola não é requisito fundamental para que o indivíduo não use drogas. Indubitavelmente, a escola ocupa um tempo na vida do ser humano que, em sendo ocioso, pode vir a ser destinado ao consumo de diversas substâncias. Embora seja um número baixo em relação aos demais apresentados, é evidente a preocupação dos alunos com a existência de tal situação.

Esses índices vêm afirmar o que, de certa forma, já é conhecimento de todos. As desigualdades sociais e a má distribuição de renda obrigam nossos alunos a se excluírem das salas de aula para ingressarem no mercado de trabalho, muitas vezes não sendo para o seu próprio benefício, e sim para auxiliar ou até mesmo sustentar sua própria família, enquanto outros não vêem a escola como espaço atrativo, não despertando nenhum interesse e acabam desistindo por não acharem que a mesma vá contribuir para uma melhor condição de vida no futuro, e com isso muito deles, por essa falta de estímulo, para permanecerem na escola acabam se envolvendo com drogas.

3º - Como evitar que os alunos abandonem a escola?

1. Melhorar a relação da escola X aluno – 68%
2. Mudar o método de ensino – 22%
3. Ausência dos professores em sala de aula – 10%

Tabela 03

Como evitar que os alunos abandonem a escola

Melhorar a Relação Escola-Aluno	Mudar a Metodologia de Ensino	Conscientização dos Pais
68%	22%	10%

Fonte: Questionário aplicado ao aluno

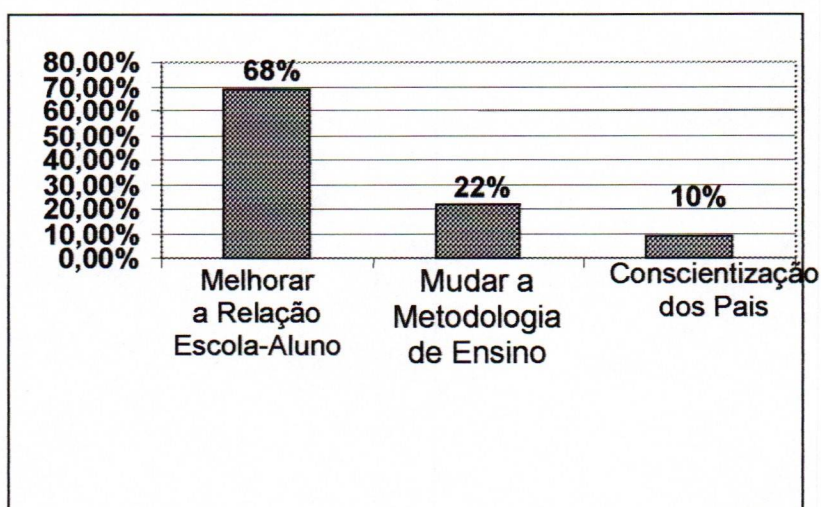


GRÁFICO 03 – COMO EVITAR QUE OS ALUNOS ABANDONEM A ESCOLA

Quando questionados sobre o que deve ser feito para evitar o abandono escolar, 68% dos alunos afirmam que é preciso melhorar a relação escola-aluno, pois a escola não mantém uma relação direta com o aluno, sem adaptar-se a ele, o que, por sua vez, acaba por afastá-lo. Tal item evidencia claramente um fator que é característico do ensino de jovens e adultos: o longo tempo que muitos ficam sem freqüentar a escola. O indivíduo que ingressa na EJA, muitas vezes, é aquele que deixou de estudar há muito tempo e, quando regressa, acaba sentindo as maiores dificuldades em adaptar-se novamente a ela.

Os 22% que responderam que é necessário mudar a metodologia de ensino, para que com isso, os conteúdos se tornem melhores entendidos, afirmaram, ainda, que seria necessário que os professores se integrassem melhor com os alunos, pois, só assim, entenderão suas dificuldades.

Por fim, 10% acreditam que, para que diminua o índice de evasão, é preciso fazer um trabalho de conscientização com os pais. Isso demonstra que os alunos acham de suma importância a presença dos mesmos ao âmbito escolar.

E a ausência dos professores?

Observemos que eles não falaram em políticas públicas de empregabilidade. Falaram do que sentem falta no chão da escola. Ficam dúvidas, será que uma escola mais viva, mais dinâmica, conectada com o cotidiano, fundada num conhecimento mais atualizado sobre a aprendizagem de jovens e adultos de alguma forma não seria uma escola pela qual se pagasse o preço do tamanho esforço que se cobra dos trabalhadores?

4º - Você vê alguma preocupação na escola para evitar que os alunos desistam de estudar?

1. Não se preocupa – 70%
2. Preocupa-se sempre – 10%
3. Às vezes – 20%

Tabela 04

Preocupações da escola quanto à Evasão Escolar.

Não se preocupa	Preocupa-se sempre	Às vezes
70%	10%	20%

Fonte: Questionário aplicado ao aluno

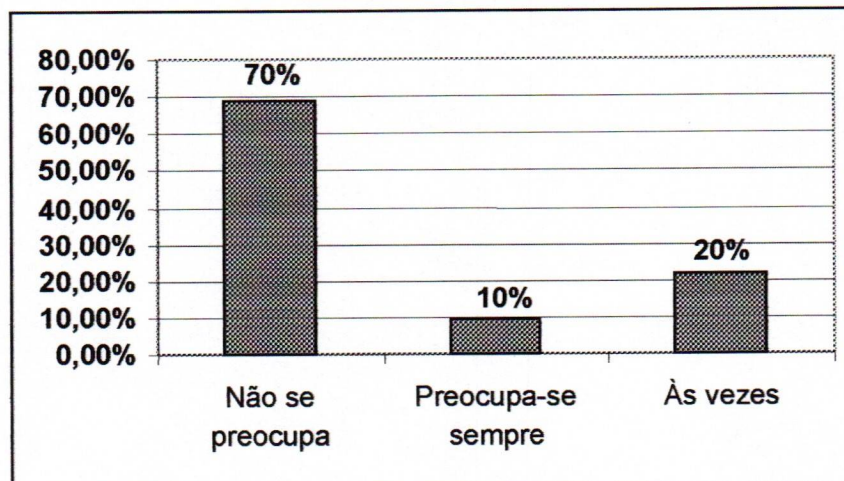


GRÁFICO 04 – PREOCUPAÇÃO DA ESCOLA QUANTO À EVASÃO ESCOLAR

Quando questionados acerca de como consideravam a preocupação da escola no que concerne à evasão escolar, os depoimentos registrados afirmam que 70% dos alunos não vêem nenhum interesse da escola para evitá-la. Segundo os educandos, a escola é cúmplice da evasão. Conforme um dos entrevistados relata, o professor é também responsável “por não prender a atenção dos alunos, jogando-os no fundo da classe como se eles fossem verdadeiros incompetentes”¹, confundindo dificuldade de ajustamento com dificuldade de aprendizagem. Para os alunos, as formas de lidar com eles, o respeito que se necessita ser dispensado também se constituem como elementos essenciais no processo ensino-aprendizagem. Portanto, para o indivíduo que se sente marginalizado de alguma forma, excluído pelo grupo social que deveria constituir-se como um dos principais elementos de inclusão, que deve ser a escola, não há muito que sobrar de positivo, de incentivador para que permaneça estudando.

Existe também a cobrança em termos de aprovação. A escola dedica-se, segundo esses alunos, aos que vão ser aprovados; os que, de início, mostram não estar “prontos” acabam tendo que sair dos estudos por falta de incentivo escolar e reconhecem serem discriminados pela escola.

10% acreditam, ao contrário dos quase setenta por cento anteriormente citados, que a escola dá oportunidades, levando os alunos a trilhar novos caminhos no sentido de buscar e realizar seus ideais, enquanto 20% afirmam que às vezes vêem

¹ Aluno da 7ª e 8ª série, sala A, entrevistado pela professora Maria do Socorro Rodrigues.

alguma preocupação da escola, algum tipo de investimento que vise reverter esse quadro.

Questionário apresentado ao professor

Aos professores, foi questionado o que eles pensavam sobre as causas do abandono à escola por parte dos alunos da EJA do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, além de solicitar deles que dessem sugestões para reverter essa situação.

Tabela 05
Causas do abandono escolar no CEDBC

Descompromisso da Escola	Desajuste Familiar	Desigualdade Social
38%	50%	12%

Fonte: Questionário aplicado ao professor.

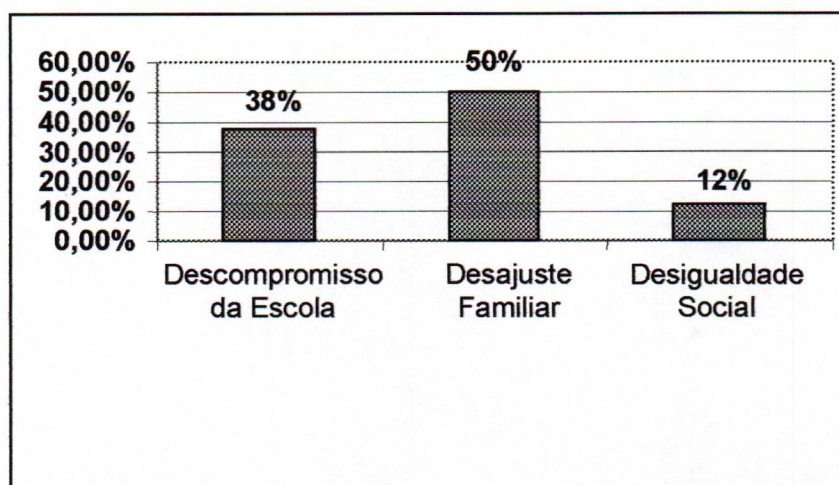


GRÁFICO 05 – CAUSAS DO ABANDONO ESCOLAR NO CENTRO EDUCACIONAL DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO

O aspecto da desigualdade social torna-se significativo como causa maior, confirmando o ponto de vista de Patto (1996), se enquadrarmos o desajuste familiar no contexto da desigualdade social. Tais desajustes trazem conseqüências ao desempenho das atividades escolares. Esse desajuste familiar vem afirmar as idéias de Ceccon (1982), quando fala sobre a influência da família para a vida escolar do aluno, sendo peça fundamental em cuja ausência os alunos tornam-se indisciplinados. Assim sendo, desajuste familiar constitui-se tanto na ausência de valores morais dentro da família quanto na ausência da própria família para o indivíduo.

O aspecto da falta de compromisso da escola, para os professores da EJA do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, que é o nosso objeto de estudo, encontra-se como segundo maior motivo para que os alunos saiam da escola. Isso evidencia quão grande é o descrédito da escola para os próprios docentes, profissionais que atuam no curso. A pesquisa revela e confirma o fato de muitas escolas de grande porte, hoje em dia, estarem com os números de alunos bem abaixo de sua capacidade real, tendo que investir todos os esforços para manter uma matrícula inicial significativa.

Por fim, apenas 12% dos professores consideraram como principal causa da saída do aluno da escola a desigualdade social, o que não corresponde ao índice levantado pelos alunos, que evidenciam que a principal razão de sua saída é exatamente a necessidade de trabalhar - 70% das opções. Conforme discussão anterior, a necessidade de trabalhar se dá exatamente pela falta da condição financeira de sua família em manter o sujeito na escola, ressaltando, assim, a situação dos alunos que precisam deixar os estudos. Há, portanto, uma desigualdade terrível na sociedade brasileira.

Tabela 06
Diminuição da evasão escolar

Mudar a Postura do Professor	Parceria Escola-família Comunidade	Mudanças no Método de Ensino
30%	40%	30%

Fonte: Questionário aplicado ao professor.

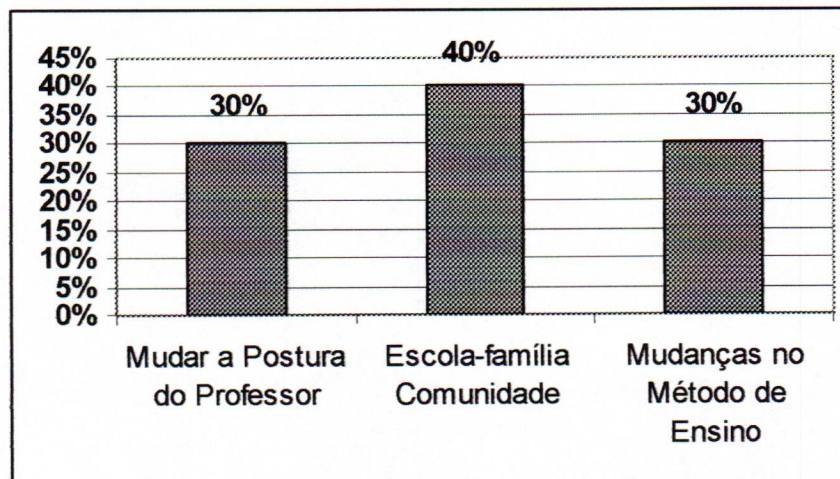


GRÁFICO 06 – DIMINUIÇÃO DA EVASÃO ESCOLAR

A maioria dos professores afirma que, para que haja uma redução significativa no índice de evasão escolar, será necessária uma melhor integração entre escola, família e comunidade, além de políticas públicas sérias para a educação que queremos. Essa maioria afirma também que será necessário haver mudanças na postura e na metodologia de ensino.

Isso evidencia que a metodologia do ensino brasileiro ainda está fundamentada em conteúdos empiristas, e são desvinculados da realidade dos alunos. Nesse sentido, o professor se caracteriza por uma postura mais técnica e, ao mesmo tempo, é visto como uma das autoridades capaz de transformar.

Por fim, vale pontuar que a evasão escolar está interligada a muitos fatores. Cabe hoje à escola refletir e questionar qual a sua contribuição negativa e buscar metas e ações que possam amenizar este problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação de Jovens e Adultos, em nosso país, apesar de investimentos de pessoas preocupadas em viabilizar a indivíduos que trazem consigo um histórico de exclusão uma educação de qualidade que lhe permita melhorar sua vida, sempre esteve sendo relegada a um segundo plano.

Essa realidade reflete-se no tratamento que esse assunto recebeu ao longo dos tempos e que, apesar de todas as discussões já travadas, de todos os caminhos já percorridos, de todos os caminhos já trilhados, ainda recebe.

É bastante evidente que a EJA, no Brasil, precisa ser revista. Existem diversos fatores que impossibilitam o aluno a permanecer cursando essa modalidade de ensino: necessidade de trabalhar, dificuldade em acompanhar os conteúdos trabalhados em sala, pela ausência de conhecimentos prévios e pela postura da escola em não trazer os temas a serem trabalhados com uma metodologia que privilegie a experiência. Portanto, isso revela e evidencia o fato de que a forma como essa educação vem sendo trabalhada está pautada em uma série de erros que, muitas vezes, a escola, o governo, a sociedade e até mesmo os próprios alunos teimam em esconder.

Isso fica bastante claro quando se realiza uma pesquisa como a que foi proposta por esse trabalho. Buscou-se, através dessa discussão, apresentar um quadro pequeno, que diz respeito diretamente a nossa realidade. E o que se pode perceber nesse estudo, realizada no Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro, colégio da rede pública estadual, do município de Jacobina, interior da Bahia, é que também aqui as dificuldades de permanecer estudando alcança um surpreendente número de jovens e adultos.

Tal fato tende a acentuar as diferenças que se fazem presentes em nossa sociedade (70% abandonam, logo aumenta a desigualdade) uma vez que, sem a educação, esses jovens e esses adultos acabarão por se submeter a situações de exclusão social, configurando-se como marginalizados, o que agrava ainda mais o triste quadro de divergências educativas que representa o Brasil.

Até quando essa realidade será nossa? A realidade de uma história de negligência com o menos favorecido sócio-economicamente já é bastante gritante em

nossos dias. Não se concebe mais que a educação que é destinada a essas classes sociais seja tratada como um assunto discutido bastante em livros e trabalhos diversos, mas pelo qual pouco seja feito, sobretudo quando se trata de reverter um quadro caótico como esse que se descortina à nossa frente, neste estudo. Portanto, é preciso que nos perguntemos: o que é preciso fazer para reverter essa situação? Nas mãos de quem está a solução para tão grave problema que, antes mesmo de ser educacional, é social, político, econômico?

Uma coisa é certa: enquanto não pararmos para refletir sobre essas e outras questões que permeiam a educação de jovens e adultos e arregaçarmos as mangas efetivamente para tentar trazer mais qualidade de vida a nossos irmãos de nação, muito pouco mudará. É preciso que nos responsabilizemos e reconheçamos nossa parcela nessa tão árdua e tão urgente tarefa.

É inadmissível que sejamos ainda omissos em relação a esse contexto. A partir das constatações que se levantaram neste estudo, tenham sido elas evidenciadas pelos alunos ou pelos professores, faz-se imperativa a mudança.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Zaia et alli. *Evasão e repetência no Brasil. A escola em questão*. Rio de Janeiro: Achimé, 1983;

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20/12/96 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB). Brasília/DF.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais* - Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CECCON, Claudius et alli. *A vida na escola e a escola da vida*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

HADDAD, Sérgio. *Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)*. Série Estado do Conhecimento. MEC/INEP/Comped. Brasília, 2002.

FERRARI, Alceu. O problema do analfabetismo no Brasil. *Revista ANDE*, ano 10, n. 17.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LARA, Edina Ribeiro Barbosa et alli. Refletindo sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Artigo disponível no endereço: www.pbh.gov.br/smed. Acesso em 03/03/2007.

LEMOS, Doracy Araújo. *Jacobina, sua história e sua gente/memórias*: Doracy Araújo

Lemos, Jacobina. D. A. Lemos, 1995.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. *EJA: Uma Educação Possível ou Mera Utopia?* Site: <http://www.cereja.org.br> Acesso em 13/02/2007

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem*. In *Revista Brasileira de Educação* Set/Out/Nov/Dez 1999, N° 12. Trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999 Disponível no endereço eletrônico <http://www.anped.org.br>. Acesso em 22/02/2007.

SAVIANI, Dermeval. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. São Paulo: Cortez, 1997.

Refletindo sobre os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. Artigo científico Disponível no endereço eletrônico <http://www.pbh.gov> . Acesso em 22/02/2007

“Cresce a procura por EJA”. Artigo científico disponível no endereço: www.mundoacademico.unb.br. Acesso em 27/02/2007

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário aplicado aos alunos

Anexo 2 – Questionário aplicado aos professores

Anexo 3 – Histórico do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro

1. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Prezado senhor (a)

Este questionário faz parte de um estudo monográfico de conclusão do curso de formação para professores do ESTADO PROESP. Agradecemos a gentileza de sua cooperação, prometemos em obediência a ética, manter sigilo quanto á autoria das respostas.

Grato,
o grupo.

1 – Em sua opinião, quais as causas que levam o aluno a abandonar a escola?

2 – Que motivo desencadeou sua desistência? (se for desistente)?

3 – O que acontece geralmente aos alunos que abandonam a escola?

4 – Você vê alguma preocupação na escola para evitar que os alunos desistam de estudar?

5 – O que pode ser feito para evitar que os alunos abandonem a escola?

2. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Prezado senhor (a)

Este questionário faz parte de um estudo monográfico de conclusão do curso de formação para professores do ESTADO PROESP. Agradecemos a gentileza de sua cooperação, prometemos em obediência a ética, manter sigilo quanto á autoria das respostas.

Grato,
o grupo.

1. O(a) Senhor(a) acha que existe evasão escolar no Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro? Por quê?
2. Em sua opinião, quais as causas do abandono escolar nesse centro de ensino?
3. Quais as conseqüências do abandono escolar para a própria escola?
4. O que pode ser feito para diminuir a evasão escolar?

3. Histórico do Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro

INSTITUTO SENHOR DO BONFIM CENTRO EDUCACIONAL DEOCLECIANO BARBOSA DE CASTRO²

Em 28 de novembro de 1938, um grupo de pessoas esclarecidas residentes nesta cidade [de Jacobina], conseguiram fazer com que a Escola Normal Senhor do Bonfim fosse transferida da vizinha cidade de Senhor do Bonfim para Jacobina, vindo seu diretor e proprietário Professor Deocleciano Barbosa de Castro e sua família, instalando a escola na Rua Professor Tavares, nº 01.

Alguns filhos de Jacobina continuaram seus estudos na capital do Estado ou na cidade de Senhor do Bonfim, onde existia um colégio das Irmãs Sacramentinas. Como os colégios de religiosos eram mais preferidos, a Escola Normal Senhor do Bonfim ressentia-se naquela cidade de dificuldades financeiras, daí o desejo de seu diretor de vir para Jacobina.

Sabedor dessa situação, o Sr. Amado Barberino conclamou os homens de maior visão, mostrando-lhes a necessidade de termos um colégio onde os filhos da terra receberiam educação mais aprimorada. Uma comissão composta do Dr. Amarílio Benjamin, sr. Amado Barberino, Dr. Fernando Alves, Dr. Adonel Moreira de Freitas, Sr. Dionísio Teles, Sr. Nemésio Lima, Sr. Anderson Brito e Sr. Francisco Brito distribuíram convites aos pais de família e pessoas de projeção para uma reunião que se realizou no dia 13 de maio de 1938 no salão da Sociedade União dos Artistas Jacobinenses, para tratarem da instalação de uma escola a nível de 2º grau, com finalidade de formar professores.

Em ofício datado de 4 de fevereiro de 1938, o Dr. Hermano Santana, diretor Geral de Educação, comunicava ao Prof. Gilberto Caribe, Fiscal Estadual da Escola Normal Senhor do Bonfim, que, por ordem do Exmo. Sr. Secretário de Educação e Saúde, foi concedida a transferência do Colégio Senhor do Bonfim para a Cidade de Jacobina.

² Transcrito do livro "Jacobina, sua história e sua gente", de Doracy A. Lemos

Com a única reforma do Ensino Normal, o Colégio Senhor do Bonfim teve curso ginásial em cinco séries, de acordo com o programa do Colégio Pedro II: dois fundamentais e três normais.

Às 14:00h de 15 de março de 1939, em sessão solene presidida pelo Fiscal prof. Gilberto Caribe, em presença dos seus diretores, corpos docente e discente e várias outras pessoas da comunidade, foram iniciados os trabalhos escolares. Matricularam-se quarenta e sete alunos que submetidos aos "Exames de Suficiência" realizada a 15 de fevereiro de 1939, foram aprovados quarenta e um. Desses, somente treze alunos concluíram o curso em 1943, constituindo-se a primeira turma de professores de Jacobina. O Colégio trouxera duas turmas que concluíram aqui o curso de professor: a de 1940 e a de 1942.

O Colégio passava por dificuldades financeiras agravadas pelo falecimento do seu diretor e proprietário Prof. Deocleciano Barbosa de Castro, em 20 de dezembro de 1940. Assumiu a direção o Dr. Adonel Moreira de Freitas que foi o baluarte para a estabilização daquele educandário, temeroso de vê-lo desativado, tomando em vão o sacrifício de sua transferência.

Em fevereiro de 1954, o Governador do Estado, Luís Régis Pacheco Pereira, por intermédio do Deputado Estadual Amarílio Benjamin, encampou o Instituto Senhor do Bonfim e criou o Colégio Estadual, dando-lhe merecidamente o nome de seu fundador Deocleciano Barbosa de Castro, mais tarde transformado em Centro Educacional Deocleciano Barbosa de Castro.